



Edil Costa  
Nerivaldo Araújo  
Frederico Fernandes

# VOZES, PERFORMANCES E ARQUIVOS DE SABERES



**Vozes, performances  
e arquivos de saberes**



## **Universidade do Estado da Bahia – UNEB**

José Bites de Carvalho

**Reitor**

Marcelo Duarte Dantas de Avila

**Vice-Reitor**

Sandra Regina Soares

**Diretora da Editora**

### **Conselho Editorial**

Danilo Gusmão de Quadros

Darcy Ribeiro de Castro

Hugo Saba Pereira Cardoso

Luiz Carlos dos Santos

Maria das Graças de Andrade Leal

Rudval Souza da Silva

Thiago Martins Caldas Prado

### **Suplentes**

Aliger dos Santos Pereira

Gabriela Sousa Rêgo Pimentel

Maristela Casé Costa Cunha

Marluce Alves dos Santos

Mônica Beltrame

Reginaldo Conceição Cerqueira

Valquíria Claudete Machado Borba

Edil Silva Costa  
Nerivaldo Alves Araújo  
Frederico Augusto Garcia Fernandes  
(Organizadores)

# **Vozes, performances e arquivos de saberes**

Salvador  
EDUNEB  
2018

© 2018 Autores

Direitos para esta edição cedidos à Editora da Universidade do Estado da Bahia.  
Proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio de impressão, em forma  
idêntica, resumida ou modificada, em Língua Portuguesa ou qualquer outro idioma.  
Depósito Legal na Biblioteca Nacional  
Impresso no Brasil em 2018.

**Coordenação Editorial**

Fernanda de Jesus Cerqueira

**Coordenação de Design**

Sidney Silva

**Revisão Textual e Normalização**

Tikinet Edições Ltda

**Capa e Diagramação**

Rodrigo C. Yamashita

**Revisão de Diagramação de Prova**

Henrique Rehem Eça

**Revisão Textual de Prova**

Maria Aparecida Porto Silva

**Ficha Catalográfica**

Bibliotecária: Fernanda de Jesus Cerqueira – CRB 162-5

---

Vozes, performances e arquivos de saberes/ Organizado por Edil Silva  
Costa, Frederico Augusto Garcia Fernandes e Nerivaldo Alves  
Araújo. – Salvador: Eduneb, 2018.

325 p.: il.

ISBN 978-85-7887-352-3

1. Língua e linguagem. 2. Poética oral. I. Costa, Edil Silva. II. Fernandes,  
Frederico Augusto Garcia. III. Araújo, Nerivaldo Alves.

CDD: 4183.007

---

Editora da Universidade do Estado da Bahia – EDUNEB  
Rua Silveira Martins, 2555 – Cabula  
41150-000 – Salvador – BA  
editora@listas.uneb.br  
<https://portal.uneb.br/eduneb>

Esta Editora é filiada à



## SUMÁRIO

**APRESENTAÇÃO: DA SEMEADURA À COLHEITA** 7

**O VOO DO BESOURO NA GINGA DO CORPO: DAS  
RODAS DE CAPOEIRA ÀS TINTAS DOS LIVROS; DOS  
ACORDES DAS MÚSICAS À IMAGEM DAS TELAS** 17

João Evangelista do Nascimento Neto

**MEMÓRIA NA (RE)CONSTITUIÇÃO DO PERFIL  
IDENTITÁRIO DE VAQUEIROS** 29

Maria de Fátima Rocha Medina

Maria Aparecida da Rocha Medina

Joanna de Azambuja Picoli

**DE UMA VOZ QUE ECOA REGRESSOS: TRADIÇÃO E  
ORALIDADE EM O QUENTE ACONCHEGO DA MÃE  
NEGRA, DE SÉRGIO VEIGA** 49

Mauren Pavão Przybylski

**AS VOZES E POÉTICAS ORAIS DAS MÚSICAS  
E CULTURAS POPULARES** 83

Bule-Bule (Antônio Ribeiro da Conceição)

**O MITO QUE VIVE NA VOZ GUARANI-MBYÁ** 99

Ana Lúcia Liberato Tettamanzy

**CORPO E RESISTÊNCIA: A PERFORMANCE  
DE ATAHUALPA** 117

Frederico Fernandes

<b>AS ANDORINHAS DE VIOLA NO REINO DOS PASSARINHOS DE BIGODE: RELAÇÕES DE GÊNERO NA CANTORIA DE IMPROVISO</b>	<b>137</b>
Andréa Betânia da Silva	
<b>POR QUE SE CANTA? REZANDO OS SANTOS CATÓLICOS NO RECÔNCAVO BAIANO</b>	<b>163</b>
Michael Iyanaga	
<b>UMA CULTURA DAS ENCRUZILHADAS: APONTAMENTOS SOBRE INTOLERÂNCIA RELIGIOSA</b>	<b>191</b>
Edil Silva Costa	
<b>VISSUNGOS: CANTOS RITUAIS DE TRADIÇÃO BANTO EM MINAS</b>	<b>231</b>
Sônia Queiroz	
<b>AS VOZES NAS TRADIÇÕES ORAIS – POÉTICAS SONORAS!</b>	<b>249</b>
Katharina Döring	
<b>AS IDENTIDADES RIBEIRINHAS E SEUS ALINHAVOS EM NARRATIVAS E NA POESIA ORAL DAS MARGENS DO VELHO CHICO</b>	<b>291</b>
Nerivaldo Alves Araújo	
<b>GÊNEROS DA LITERATURA POPULAR: NA ENCRUZILHADA DOS MÉTODOS</b>	<b>305</b>
Alvanita Almeida Santos	
<b>SOBRE OS AUTORES</b>	<b>319</b>

## APRESENTAÇÃO: DA SEMEADURA À COLHEITA

Os estudos de poéticas orais no Brasil vêm se ampliando e consolidando na academia brasileira, com reflexo nos cursos de graduação e pós-graduação. Não podemos negligenciar o trabalho sistemático de pesquisadores do Grupo de Trabalho (GT) de Literatura Oral e Popular da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras e Linguística (Anpoll) nesse processo. Os pesquisadores do GT de Literatura Oral e Popular estão, ao longo de três décadas, cuidando continuamente do terreno no qual são semeadas pesquisas sobre cultura oral e suas formas poéticas, com o envolvimento de estudantes e pesquisadores renomados no campo de investigação. Em consonância com os trabalhos desses pesquisadores e seus desdobramentos, visando registrar o que vem sendo feito por eles em diversas partes do Brasil, o livro em tela reúne textos sobre práticas de pesquisa e propõe problematizar temas e métodos de investigação, refletir sobre o papel e a importância das poéticas orais na educação e na cultura e, sobretudo, fazer uma imersão no universo da voz e da poesia.

Uma das ações empreendidas pelos pesquisadores do GT é o Seminário Brasileiro de Poéticas Orais, que chegou à sua quarta edição no *campus* II da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em Alagoinhas, nos dias 26 e 27 de abril de 2017, com o tema





“Narrativas, performances, vozes e arquivos de saberes”. Além de reuniões sistemáticas, são constantemente ampliados nossos horizontes com novos agenciamentos. A participação de pesquisadores de outros grupos de pesquisa e áreas do conhecimento é um indicativo disso. Temos também a preocupação de aliar a discussão teórico-metodológica das pesquisas em poéticas orais com atividades culturais e expressões artísticas. Para isso, contamos com um convidado que transita por esses campos de saber: Bule-Bule, um multiartista que teoriza sua produção e apresenta de forma clara os modos de saber-fazer da cultura popular.

Nossa proposta é estruturada de modo a contemplar a perspectiva intercultural, entendida como possibilidade de trânsitos disciplinares e de diálogos e tensões representativos da complexidade e da desigualdade na produção, distribuição e aquisição de saberes e discursos. Tais tensionamentos dizem respeito muito diretamente às poéticas orais, visto que, como é debatido desde a fundação do GT, a constituição de nossos objetos (por exemplo, manifestações populares, textualidades verbais e não verbais e performances) e de nossos aportes teóricos e metodológicos (entre eles, entrevistas, testemunhos e registros audiovisuais) extrapola o âmbito das Letras e da Linguística. Tendo em vista tais pressupostos, são convidados a participar das discussões antropólogos, etnomusicólogos e historiadores.

Nessa perspectiva, este livro é composto por treze capítulos que constituem uma unidade sobre os estudos em poéticas orais, embora tratem de temas e pontos de vistas diversos. O eixo comum são as poéticas orais e as discussões que se apresentam atestam os avanços desses estudos no Brasil e a capacidade de diálogos entre as áreas.

Desse modo, o capítulo “O voo do besouro na ginga do corpo: das rodas de capoeira às tintas dos livros; dos acordes das



músicas à imagem das telas”, de João Evangelista do Nascimento Neto, trata da construção do herói a partir do capoeirista Besouro. O autor se acerca das diversas narrativas populares sobre o capoeirista que povoam o imaginário do Recôncavo a partir de contos e cantos de rodas de capoeira, além de uma biografia escrita e uma cinebiografia. Ao longo de sua análise, Nascimento Neto vai mostrando os cruzamentos de textos de circulação oral, escrita e audiovisual na construção do herói popular e sua importância para as comunidades afrodescendentes da Bahia e do Brasil.

Maria de Fátima Rocha Medina e sua equipe de pesquisa, formada por Maria Aparecida da Rocha Medina e Joanna de Azambuja Picoli, discorrem sobre os embates da “Memória na (re) constituição do perfil identitário de vaqueiros” do vale do Pampã/MG. Esse trabalho traz como protagonista a memória de vaqueiros na construção da história local e da narração artesanal e poética sobre a construção de seres humanos em meio ao mundo natural. É recorrente nas histórias o conflito entre a ambição latifundiária daqueles que se arvoraram “proprietários das terras” e o espírito agonista do vaqueiro na domesticação do mundo natural. A partir do emprego atento da teoria bakhtiniana, as autoras levam o leitor a confrontar discursos do passado e do presente, de modo a entender o papel das transformações narrativas, revelando como os embates somente foram percebidos na maturidade dos vaqueiros entrevistados.

“De uma voz que ecoa regressos: tradição e oralidade em *O quente aconchego da mãe negra*, de Sérgio Veiga” é o capítulo em que Mauren Pavão Przybylski analisa o romance do escritor moçambicano ainda pouco conhecido entre nós. As reflexões trazidas sobre a oralidade, no artigo de Przybylski, deslocam-se da produção do texto em performance para a análise da presença da voz na letra. O enfoque é a África, ou melhor dizendo: uma nova



África que vai se revelando por meio de suas narrativas orais, franqueadas pelo encontro entre regressos em Moçambique, nas quais mitos e tradições são atualizados. A oralidade e a poesia, que parecem ser indissociáveis nesse contexto, são apresentadas pelo romance de Sérgio Veiga com um potencial de transformação da história e de superação ou reconhecimento de traumas decorrentes do processo colonizador. De modo a melhor introduzir o romance, a autora optou por delinear quatro momentos específicos, demarcados como “caminhos” percorridos. A metáfora espacial adotada por Przybylski é bastante pertinente no sentido de conduzir seu leitor ao longo de quatro caminhos, que são temporais, biográficos, literários e de reencontros.

Ariano Suassuana costumava chamar suas intervenções sobre cultura popular de “aula espetáculo”. Na mesma linha do escritor pernambucano, só que com repertório voltado exclusivamente para canto, o multiartista baiano Bule-Bule conduziu o auditório do IV Seminário para uma “aula de vida”, como ele mesmo afirmou. Com sua fala e seu canto, Antônio Ribeiro da Conceição, o famigerado Bule-Bule, tem sua fala aqui transcrita em “As vozes e poéticas orais das músicas e culturas populares”. Considerando que a diversidade constrói uma rede densa entre vozes, performances, sonoridades e espaços de saberes sociais, estéticos e culturais das músicas e culturas populares, a proposta do encontro deu-se com o intuito de abrir diálogo com as produções dos mestres que não estão atrelados diretamente à academia, mas que mantêm contínua produção de saber sobre práticas de criação e de memória de cantos. Bule-Bule, além de teorizar sobre o cotidiano do fazer poético, toca e canta, ilustrando seu saber com um colorido característico da cultura popular. O capítulo conta com a cuidadosa apresentação do poeta feita por Andrea Betânia da Silva e com a transcrição do debate por Edil Silva Costa, em que o multiartista tira dúvidas do público sobre os gêneros orais por ele mencionados.



No capítulo “O mito que vive na voz guarani-mbyá”, Ana Lúcia Liberato Tettamanzy oferece aos leitores uma análise sobre narrativas orais dos guarani-mbyá. Os textos, reveladores de profunda sabedoria da América, tratam da origem do futebol e estabelecem diferenças entre um menino não indígena (“juruá”) e um menino indígena. Ambos são testemunhos dos saberes e modos de vida do povo Guarani-Mbyá. Mas é no trabalho da pesquisadora com os indígenas da aldeia Anhetenguá, situada na Lomba do Pinheiro, bairro porto-alegrense, que aflora a compreensão sobre as interferências do mundo social capitalista ocidental no cotidiano indígena. Segundo a pesquisadora e autora do capítulo em foco, as dinâmicas sociohistóricas contemporâneas são assimiladas ora por meio do paradigma da tensão, ora pelo do diálogo. É ao passado que os guarani-mbyá recorrem para assimilar os novos acontecimentos e, com isso, incorporam o “outro” num processo de transculturação. A análise das narrativas escolhidas inclina-se a demonstrar como se opera uma prática de resistência ao interno de etnotextos produzidos por comunidades indígenas na América Latina.

O diálogo com o indígena se mantém em: “Corpo e resistência: a performance de Atahualpa”, de Frederico Fernandes. Nesse capítulo, o pesquisador em oralidade faz uma reflexão sobre a performance do *sapa* inca Atahualpa às vésperas do massacre de Cajamarca, no ano de 1532. Fernandes demonstra como a representação do massacre pendeu para a metáfora da dominação da cultura escrita sobre a oral na crítica latino-americana da segunda metade do século passado, sem que aspectos corporais significativos do episódio fossem levados em conta. Para tanto, o corpo de Atahualpa é compreendido como uma prática de resistência que constitui a condição latino-americana e torna-se ainda uma presença performática em vários festejos peruanos nos dias atuais. A análise traz como principal resultado o fato de que o



corpo transcende a própria materialidade, sendo capaz de preencher o vazio da morte com fusões, intercâmbios ou espelhamentos e conectar a destruição dos corpos dos incas em Cajamarca com a contínua violência do presente.

Andréa Betânia da Silva problematiza e analisa a participação de mulheres na cantoria de improviso nordestina, no capítulo “As andorinhas de viola no reino dos passarinhos de bigode: relações de gênero na cantoria de improviso”. A figura do cantador é mais comumente ligada ao universo masculino, o que demandou estratégias de inserção de mulheres em desafios e cantorias. A discriminação, observa a autora, é atribuída por outras mulheres, esposas de cantadores, ou pelo dogma de que o nomadismo e o padrão aventureiro não são compatíveis com a fragilidade feminina. A pesquisadora, baseada em fontes etnográficas, descobriu os argumentos na medida em que indica quais estratégias as cantadoras tiveram para se organizar e criar seus espaços de performance. Assim, são incorporadas à discussão falas de cantadoras e cantadores, que dão forma aos argumentos apresentados. A análise de entrevistas e dos textos de circulação oral demonstra que os percalços para a afirmação da voz feminina são recorrentes no contexto social em que a mulher se faz presente. A afirmação feminina na arte da cantoria nordestina se dá por meio da disputa com colegas cantadores, o que retroalimenta o espaço social do qual elas fazem parte.

A partir da questão “por que cantam?”, o etnomusicólogo Michael Iyanaga analisa as festas musico-devocionais realizadas em muitas casas do Recôncavo Baiano, registradas ao longo de dez anos de pesquisa. Desse modo, no capítulo “Por que se canta? Rezando os santos católicos no Recôncavo Baiano”, o autor propõe compreender o sentido da reza na vida das pessoas devotas, investigando os aspectos que são frequentemente menosprezados por estudiosos do tema, como a estrutura formal musical, os julgamentos estéticos, as



decisões performáticas, os timbres etc. Além disso, o etnomusicólogo nos guia para o ambiente da reza, num diálogo direto e franco com rezadores, no qual chega a questionar: “por que rezar em vez de jogar futebol?”. A resposta dada ao pesquisador é a devoção. A partir daí, ele consegue extrair do canto de reza a santos – como Santo Antônio, São Roque, São Cosme e Damião, Santa Bárbara, São Crispim e Crispiniano e Nossa Senhora da Conceição, entre muitos outros – elementos de sua performance e das diferenças de ritmos, bem como de letras. Iyanaga situa a arte do canto num contexto religioso, sem deixar de observar nela uma prática social e de afirmação de uma identidade.

Edil Silva Costa, em “Uma cultura das encruzilhadas: apontamentos sobre intolerância religiosa”, partindo de uma investigação sobre as narrativas de adeptos do candomblé, nos proporciona um aporte sobre aspectos relacionados à construção das identidades da diáspora, destacando a religiosidade e suas estratégias de dominação, a intolerância e o entrecruzamento de discursos, conflitos e disputas internas que ocorrem nas comunidades de terreiro. No seu texto, dentre outras abordagens, é assinalado, por meio de relatos, o tratamento recebido pela religião católica, pelas igrejas evangélicas e pelo candomblé nessas comunidades. A partir do pretexto de investigar a intolerância religiosa, o texto vai descortinando os embates e o frágil equilíbrio na construção das identidades complexas, nas encruzilhadas da cultura contemporânea.

As considerações trazidas por Sônia Queiroz em “Vissungos: cantos rituais de tradição banto em Minas” versam sobre a presença dos vissungos (espécie de cantigas oriundas da África) na região de Diamantina, em Minas Gerais. A autora ressalta o trabalho de registro e estudo desses cantos numa abordagem comparativa, levando em conta que as relações com as línguas e manifestações culturais africanas demandam dedicação e tempo sobre os textos de



cá (Brasil) e de lá (África). Os estudos das atividades culturais que envolvem os vissungos são tidos como estratégias de valorização e revitalização das línguas e culturas africanas que foram vivas em Minas no período da mineração. O seu texto constitui-se numa boa oportunidade de conhecer ainda mais a importância das marcas da cultura afrodescendente em terras brasileiras, especificamente na região das Minas Gerais, cuja presença do negro escravizado nas atividades de mineração contribuiu para o estabelecimento de manifestações culturais como a dos vissungos.

Em “As vozes nas tradições orais – Poéticas sonoras!”, Katharina Döring enfatiza a necessidade do diálogo dos estudos literários com aspectos musicais, antropologia da música e etnomusicologia. O canto e a musicalidade afro-brasileira são abordados a partir da incorporação de leituras de teóricos da oralidade e da etnomúsica. O diálogo entre áreas e estudiosos sensíveis à performance fez com que se pudesse reconhecer e afinar o olhar do pesquisador brasileiro para temas da cultura africana aqui presente. Döring considera que a expressão e a experiência sonora e performática estão em profunda conexão com as narrativas e memórias orais nas tradições cênico-poético-musicais brasileiras. Elas formam um conjunto poético, sonoro, estético e semântico. Para tanto, a autora estreita o diálogo com estudos internacionais da etnomúsica, jogando luzes sobre qualidades, timbres e expressões vocais e sua inserção nas poéticas orais e performances nos contextos locais específicos das tradições orais no Brasil.

Nerivaldo Alves Araújo, na tecedura de seu texto “As identidades ribeirinhas e seus alinhavos em narrativas e na poesia oral das margens do Velho Chico”, apresenta uma costura das identidades dos povos ribeirinhos da região de Xique-Xique, na Bahia, a partir de suas narrativas e de sua poesia oral. Em suas reflexões, o autor aborda marcas da ideologia do colonizador, que se pauta no



desmerecimento do negro e sua cultura e na instituição de comportamentos, crenças e valores por meio da Igreja, chamando atenção para a necessidade da (des)tecedura dessas marcas, (des)alinhavando identidades já estabelecidas e alinhavando novas. No referido texto ainda são apresentadas as percepções do autor em relação ao enraizamento dessa correnteza coercitiva e discriminatória que, de certa maneira, contribuiu para a construção das identidades ribeirinhas. Estas, por não possuírem uma costura fixa, podem muito bem ser (des)alinhavadas, (re)costuradas numa trama perene capaz de fortalecer esses povos e sua cultura e fazê-la navegar, portanto, em outro sentido: das margens rumo ao centro do reconhecimento.

Alvanita Almeida Santos faz o fechamento dessa obra com uma reflexão sobre a tradição grafocêntrica da academia e os estudos de oralidade. Desse modo, a autora propõe uma discussão teórica sobre o caráter oral dos gêneros da literatura popular em “Gêneros da literatura popular: na encruzilhada dos métodos”. Ela destaca que os métodos convencionais de análise literária são pouco ou nada funcionais para enfrentar os textos populares e, por essa razão, propõe reflexões sobre os conceitos de “literatura”, “popular”, “oralidade” e “gêneros literários” sob o viés de novas propostas epistemológicas. Sua análise do texto da “Chapeuzinho Vermelho”, coletado pelo Programa de Estudo e Pesquisa da Literatura Popular (PEPLP) no ano de 1988, em Salvador, demonstra como na performance podem ser evidenciados traços semânticos e composicionais que transcendem o significado da escrita. Assim, a leitura de um texto em performance, segundo a autora, escapa à efemeridade do ato em si, desvelando para o leitor um modo de ser no mundo.

Esperamos, com a divulgação desses textos, consolidar o espaço ampliado de discussão sobre os temas de interesse de pesquisadores e estudiosos das Letras, bem como continuar atraindo e agregando pesquisadores das poéticas orais de áreas correlatas.





Esta coletânea, assim, reafirma a importância não apenas dos estudos relacionados aos arquivos de saberes, como do GT de Literatura Oral e Popular da Anpoll, para o fortalecimento da área de Letras, mas, ao incluir uma diversidade de vozes, demonstra que as poéticas orais estão se colocando como forma de conhecimento específico para as Humanidades, na qual o fazer e o agir sobre o mundo não são compreendidos em momentos isolados. O campo foi há algum tempo semeado e a hora é de colheita.

Os Organizadores.